



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CAPANEMA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

ANA PAULA CARDOSO CUNHA

**DISCURSIVIDADES DE EDUCADORES SOBRE O DIAGNÓSTICO DO
CONTEXTO EDUCACIONAL E DAS ATIVIDADES DIDÁTICAS DA ESCOLA
MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL PROFESSORA MARIA NATIVIDADE**

CAPANEMA-PA
2022

ANA PAULA CARDOSO DA CUNHA

**DISCURSIVIDADES DE EDUCADORES SOBRE O DIAGNÓSTICO DO
CONTEXTO EDUCACIONAL E DAS ATIVIDADES DIDÁTICAS DA ESCOLA
MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL PROFESSORA MARIA NATIVIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, Campus Universitário de Bragança - Universidade Federal do Pará, como requisito para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Raquel Amorim dos Santos.

ANA PAULA CARDOSO CUNHA

**DISCURSIVIDADES DE EDUCADORES SOBRE O DIAGNÓSTICO DO
CONTEXTO EDUCACIONAL E DAS ATIVIDADES DIDÁTICAS DA ESCOLA
MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL PROFESSORA MARIA NATIVIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em
Pedagogia pela Universidade Federal do Pará, Campus
Universitário de Capanema, Faculdade de Educação.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Raquel Amorim dos Santos

Aprovado em: ____ / ____ / ____

Conceito: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Raquel Amorim dos Santos
Orientadora – UFPA

Prof. Dr. Francisco Pereira de Oliveira
Avaliador – FACED/UFPA

Prof.^a Me. Milene Vasconcelos Leal Costa
Avaliadora - FAPED/UFPA

Dedico este trabalho...

Aos meus pais, que sempre me incentivaram e me apoiaram desde muito nova. Vocês foram minhas inspirações, seus esforços foram de suma importância e ao meu filho que estou esperando, você já é minha inspiração de viver.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro a Deus, por ter sempre me guiado e me protegido em minha trajetória acadêmica, por ter me dado forças para prosseguir.

Obrigada a minha família, vocês foram essenciais para que esse grande sonho ser realizado.

Agradeço imensamente a minha orientador Prof^ª. Dr^ª. Raquel Amorim dos Santos, por ter estado comigo na elaboração desse Trabalho de Conclusão de Curso, por toda Orientação, confiança, paciência e compreensão durante a produção desta pesquisa.

A Banca examinadora pelo leitura cuidadosa e contribuições no Trabalho de Conclusão de Curso.

E a todos os educadores que fizeram parte da minha formação, vocês foram primordiais para eu ter chegado até esse momento único em minha vida.

Obrigada aos meus amigos pelo apoio e confiança no decorrer da produção desse estudo.

RESUMO

Este estudo descreve as discursividades de educadores sobre o Diagnóstico do Contexto Educacional e das Atividades Didáticas da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Maria Natividade em Capanema-PA. Problematiza o contexto educacional, as atividades didáticas a partir dos espaços de aprendizagem como a sala de leitura, jogos, sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) e a prática educativa a partir das formas de organização e as metodologias do Ensino Fundamental - Anos Iniciais. O estudo é de abordagem qualitativa, de cunho descritivo e de campo, tendo como referencial teórico Antoni Zaballa, entre outros. Os participantes da pesquisa foram uma gestora e cinco professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Escola Municipal Maria Natividade Natividade. Para a análise dos dados utilizamos a análise do discurso com base em Eni Orlandi. Os resultados do estudo revelam que os educadores da escola tem um compromisso político e social com o ensino e aprendizagem das crianças, a despeito das dificuldades enfrentadas pela escola a respeito da necessidade de melhoria de infraestrutura, recursos nos espaços de aprendizagem, sobretudo na sala de leitura, jogos, sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) e na formação continuada de professores do Ensino Fundamental, Anos Iniciais. Evidenciamos que a prática educativa desvela a utilização de sequências didáticas relacionadas as atividades que visam a construção do conhecimento ou da aprendizagem de diferentes conteúdos, além da utilização de livros didáticos que corroboram para o avanço da leitura, escrita e resoluções de questões. No processo de ensino, observamos ainda que os professores valorizam o contexto social em que os alunos estão inseridos e organizam o planejamento, orientação e avaliação das atividades didáticas. Concluímos que as discursividades de educadores sobre o diagnóstico do contexto educacional e das atividades didáticas a partir dos espaços de aprendizagem, da prática educativa, das formas de organização e das metodologias do Ensino Fundamental dos Anos Iniciais contribuem para a formação crítica do aluno, no entanto é necessário a ampliação de políticas públicas educacionais visando a melhoria da qualidade do ensino, o alcance dos propósitos pedagógicos intencionais e planejados, as formas didáticas e meios organizativos do ensino e da aprendizagem.

Palavras-chave: Atividades Didáticas. Espaços de Aprendizagem. Prática Educativa. Organização Didática

ABSTRACT

This study describes the discourses of educators on the Diagnosis of the Educational Context and the Didactic Activities of the Municipal School of Elementary Education Professor Maria Natividade in Capanema-PA. It problematizes the educational context, the didactic activities from the learning spaces such as the reading room, games, the Specialized Educational Service room (AEE) and the educational practice from the forms of organization and methodologies of Elementary School - Anos Inicias. The study has a qualitative, descriptive and field approach, using Antoni Zaballa, among others, as a theoretical framework. The research participants were a manager and five teachers from the Early Years of Elementary School at Escola Municipal Maria Natividade Natividade. We used discourse analysis based on Eni Orlandi. The results of the study reveal that the school's educators have a political and social commitment to the teaching and learning of children, despite the difficulties faced by the school regarding the need to improve infrastructure, resources in learning spaces, especially in the classroom. reading, games, Specialized Educational Assistance room (AEE) and in the continuing education of Elementary School teachers, Initial Years. We showed that the educational practice reveals the use of didactic sequences related to activities aimed at building knowledge or learning different contents, in addition to the use of textbooks that support the advancement of reading, writing and problem solving. In the teaching process, we also observed that teachers value the social context in which students are inserted and organize the planning, guidance and evaluation of didactic activities. We conclude that the discursiveness of educators about the diagnosis of the educational context and didactic activities from the learning spaces, educational practice, forms of organization and methodologies of Elementary School of the Early Years contribute to the critical formation of the student, however it is necessary to expand public educational policies aimed at improving the quality of teaching, the achievement of intentional and planned pedagogical purposes, didactic forms and organizational means of teaching and learning.

Keywords: Didactic Activities. Learning Spaces. Educational Practice. Didactic Organization

LISTA DE SIGLAS

AEE	Sala de Atendimento Educacional Especializado
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEB	Conselho Nacional de Educação
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
EOB	EEEFM Prof Oliveira Brito
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
PDI	Plano de Desenvolvimento Individual do Aluno
PDT	Plano de Trabalho Docente
PPP	Projeto Político Pedagógico
PNE	Plano Nacional de Educação
SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
UFPA	Universidade Federal do Pará

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 PERCURSOS METODOLÓGICO	144
3 O ENSINO FUNDAMENTAL E OS ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM	17
3.1 Espaços de Aprendizagem no Ensino Fundamental.....	22
3.1.1 Sala de Leitura.....	22
3.2.2 Sala de Jogos.....	26
3.2.3 Sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE).....	29
4 A PRÁTICA EDUCATIVA, FORMAS DE ORGANIZAÇÃO E AS METODOLOGIAS NO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS	35
4.1 Metodologias de Ensino.....	38
4.1.1 Sequências de atividades de ensino/aprendizagem.....	38
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49

1 INTRODUÇÃO

Este estudo descreve as discursividades de educadores sobre o diagnóstico do contexto educacional e das atividades didáticas a partir dos espaços de aprendizagem como a sala de leitura, jogos, sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) e a prática educativa a partir das formas de organização e as metodologias do Ensino Fundamental - Anos Iniciais.

A temática desse estudo surgiu a partir da experiência no Programa de Iniciação à Docência - PIBID, via Faculdade de Educação, Campus Universitário de Bragança da Universidade Federal do Pará - UFPA, naquele momento tive a oportunidade de vivenciar e observar o processo de ensino e aprendizagem e a prática educativa de professores do Ensino Fundamental - Anos Iniciais em uma escola no município de Capanema-PA.

O PIBID é um Programa instituído pela Capes e Ministério da Educação, que tem como objetivo proporcionar uma experiência prática de atividade docente na Educação Básica, destinada a discentes de licenciatura na primeira metade do curso e tem por objetivo incentivar a formação docente para a Educação Básica, valorizando o magistério, elevando a quantidade de formação inicial de professores nos cursos de licenciaturas e promovendo a integração entre Educação Superior e Educação Básica (UFPA, 2020).

O Programa visa inserir os licenciados no cotidiano de escolas da rede pública de educação, bem como incentivar escolas públicas de Educação Básica, mobilizando seus professores como coformadores dos futuros docentes, contribuindo para a articulação entre teoria e prática necessária à formação dos docentes (UFPA, 2020).

No decorrer dessa experiência tive a oportunidade participar do I Seminário de Integração Núcleo PIBID Pedagogia, cujo objetivo foi conhecer o subprojeto Pedagogia/UFPA, assim como os representantes das Secretarias de Educação, Gestores, Coordenadores Pedagógicos e Supervisores de três escolas públicas municipais¹ parceiras do Projeto. Também tive a oportunidade de participar de sessões de estudos, possibilitando ampliar o aporte teórico visando contribuir com a prática pedagógica durante os estágios nas escolas.

Para Barreiro (2006, p. 20) o estágio curricular representa “[...] um componente fundamental na construção da identidade do professor. A identidade do professor é construída no decorrer do exercício da sua profissão, porém, é durante a formação inicial

¹ EMEIF Josefa Alvão, EMEF Júlia Quadros, situadas no município de Bragança-PA e a EMEIF Maria Natividade localizada no município de Capanema-PA.

que são sedimentados os pressupostos e as diretrizes presentes no curso formador, decisivos na construção da identidade docente. Pelo fato do estágio corroborar para a construção da identidade docente, é imprescindível a reflexão-crítica para evitar a “prática como imitação de modelos”. Desta forma, não deve reduzir-se a observar os professores em sala de aula e a reproduzir os modelos sem interligação com “uma análise crítica fundamentada teoricamente e legitimada na realidade social em que o ensino se processa” (PIMENTA; LIMA, 2006, p. 8). Por isso, há as sessões de estudos e ciclos de palestras que agregam e minimizam dúvidas direcionadas ao âmbito escolar.

Investigar o cotidiano escolar exige uma imersão no contexto educacional, nas atividades didáticas, nos espaços de aprendizagem e na prática educativa, formas de organização e nos procedimentos metodológicos. Isso exige um olhar atento voltado a reflexão, pesquisa, reconstrução, afetividade e as diferenças. A esse respeito Cardoso e Mesquita (2011) asseguram: “O exercício crítico e analítico [...] pressupõe que a prática educativa efetivada pelo professor no seu contexto escolar deve ser fonte de pesquisa e investigação por parte do próprio docente [...]”. Para as autoras isso significa “[...] condição para que este venha a compreender os processos de construção da identidade docente, do seu desenvolvimento profissional e das condições em que exerce o seu labor professoral”.

Nesse sentido, é de suma importância que a formação docente venha trazer mecanismos que possibilitem despertar uma criticidade nos discentes, incentivar a fazerem pesquisas, visto que sua função é de fazer com que os mesmos aprendam e recriem conhecimentos em sua trajetória acadêmica. Segundo Pimenta (1997, p. 6) [...] “ao exercício profissional da docência, do curso de formação inicial se espera que forme o professor, ou que colabore para sua formação. “[...] Dada a natureza do trabalho docente, que é ensinar como contribuição ao processo de humanização dos alunos historicamente situados, espera-se da licenciatura que desenvolva, nos alunos, conhecimentos e habilidades, atitudes e valores [...]”.

Para Libâneo (1994), o processo de ensino é intencional, ao mesmo tempo em que realiza as tarefas da instrução de criança, adolescentes, jovens, adultos e idosos também é um processo educacional. De acordo com Tavares (2011) no processo ensino com vista a formação crítica, o professor deve criar situações que estimule o indivíduo a pensar, analisar e relacionar os aspectos estudados com a realidade vivenciada por ele. Ainda, corrobora que essa realização consciente das tarefas de ensino e aprendizagem é uma fonte de convicções, princípios e ações que irão relacionar as práticas educativas dos

alunos, propondo situações reais que faça com que os indivíduo reflita e analise de acordo com sua realidade e o contexto sociocultural (TAVARES, 2011).

Refletir sobre o contexto educacional implica rever o processo de ensino e aprendizagem, seus processos constitutivos (plano de aula - objetivos, conteúdos, procedimentos metodológicos, recursos e avaliação). Nesse sentido, é importante considerar “a aula como toda situação didática na qual se põem objetivos, conhecimentos, problemas, desafios com fins instrutivos e formativos, que incitam as crianças e jovens a aprender” (LIBÂNEO, 1994, p. 178). Segundo o autor, cada aula é única, pois ela possui seus próprios objetivos e métodos que devem ir de acordo com a necessidade dos alunos.

A despeito do processo de ensino ser intencional, o que exige uma ação didática planejada, o contexto educacional brasileiro, segundo o Relatório Anual da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico - OCDE e a Fundação Itaú Social de 2021, aponta que o Brasil obteve muitas conquistas no campo da educação nas últimas décadas, mas a defasagem de aprendizado, os altos índices de abandono e as desigualdades entre estudantes marcam a educação no país, constituindo um obstáculo para uma melhor qualidade de ensino.

De acordo com esse Relatório é preciso avançar em relação a qualidade de ensino e equidade em seu acesso, investimentos em medidas estruturantes das dimensões melhoria escolar (condições de formação e trabalho e os processos de seleção e formação de gestores escolares), avaliação (acompanhamento e desenvolvimento de cada aluno e na revisão de seu planejamento), financiamento (proteção dos recursos para a administração pública e também a sua redistribuição para aqueles que mais precisam) e a governança (trabalho conjunto entre os entes federados).

O estudo ainda identifica as desigualdades no ensino, considerando que a educação brasileira enfrenta problemas multidimensionais de equidade, o que corresponde não somente aos aspectos econômicos, mas também aqueles atravessados por aspectos raciais, geográficos e de gênero. Assim, a melhoria da qualidade do ensino requer políticas públicas educacionais que contemple as diferentes realidades brasileiras e as diversidades presentes no contexto escolar.

Diante do contexto anunciado nos inquietamos e questionamos o seguinte problema de pesquisa: Quais as discursividades de educadores sobre o diagnóstico apresentado acerca do contexto educacional e das atividades didáticas a partir dos espaços de aprendizagem, da prática educativa e das formas de organização e das metodologias do Ensino Fundamental, Anos Iniciais?

A partir do problema de pesquisa apresentamos o objetivo geral da pesquisa: Analisar as discursividades de educadores sobre o diagnóstico apresentado acerca do contexto educacional e das atividades didáticas a partir dos espaços de aprendizagem, da prática educativa e das formas de organização e das metodologias do Ensino Fundamental, Anos Iniciais. Como objetivos específicos elencamos: Descrever o diagnóstico do contexto educacional do Ensino Fundamental, Anos Iniciais; Identificar as atividades didáticas a partir dos espaços de aprendizagem, da prática educativa e das formas de organização e das metodologias desenvolvidas no Ensino Fundamental - Anos Iniciais.

A primeira seção apresenta de forma sucinta a Introdução. A segunda seção trata do percurso metodológico, a abordagem do estudo, a descrição do lócus da pesquisa, os participantes da pesquisa e a análise dos dados. A terceira seção aborda sobre o Ensino Fundamental e os Espaços de Aprendizagem como a sala de leitura, jogos e a sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE). A quarta seção, por sua vez descreve sobre a Prática Educativa, as formas de Organização e as Metodologias utilizadas no Ensino Fundamental, Anos Iniciais na Escola Maria Natividade em Capanema-PA.

2 PERCURSOS METODOLÓGICO

O estudo ocorreu no estado do Pará, no município de Capanema. Esta cidade está distante 160 km de Belém pela rodovia (BR 316). É um dos municípios mais desenvolvidos da Região Bragantina do Nordeste Paraense, atrás somente de Bragança-PA. Uma das principais atividades econômicas do município é a fabricação de cimento. Capanema é a cidade que possui melhor desenvolvimento econômico da Região Bragantina.

A pesquisa é de abordagem qualitativa com aplicação da pesquisa bibliográfica. A pesquisa qualitativa “[...] enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques.[...]”. (GODOY, 1995, p.21).

Para a geração dos dados foi realizada as entrevistas semiestruturadas com a gestora da escola e docentes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e a observação do processo de ensino. Primeiramente entramos em contato com a escola para a autorização da pesquisa e a partir dessa autorização iniciamos as atividades com as professoras da escola considerando as atividades didáticas e os espaços de aprendizagem dos alunos.

Segundo Vieira (2010, p. 88),

[...] pesquisa qualitativa exige um olhar aprofundado do contexto e do local em que é executada e, também, uma interação entre o pesquisador e o objeto. O olhar frio e distanciado de um observador não seria capaz de apreender muitas das informações que podem estar disponíveis. O pesquisador estará em um processo de imersão na sua pesquisa [...].

A pesquisa qualitativa possibilitou observar a realidade socioeducacional e dialogar com os educadores das escolas de Ensino Fundamental. Nelas, foi possível conhecer a realidade da escola, o diagnóstico do contexto educacional e das atividades didáticas da escola municipal de Ensino Fundamental Professora Maria Natividade, relatando observações e experiências acerca da turma do 4º ano do Ensino Fundamental.

O locus de estudo foi a escola EMEF Professora Maria Natividade que oferta as etapas pré-escola, anos iniciais do Ensino Fundamental e a Modalidade EJA, conseqüentemente funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno e localiza-se na rua José Bonifácio, nº 165, no bairro Oliveira Brito, situada na cidade de Capanema-PA, da zona urbana.

O bairro que está inserida reafirma condições de classe baixa. As famílias e as crianças recebem auxílio do Programa Bolsa Família do Governo Federal. Por outro lado,

a escola busca realizar reuniões periódicas com os pais/ responsáveis para relatar informações da organização e planejamento escolar.

A escola recebe alunos dos seguintes bairros: Campinho, Caixa d'água, Caic, Multirão e EOB. Pela manhã há também os discentes do interior que são deslocados para escola por meio do ônibus escolar. Sendo uma das escolas municipais mais próximas para atendê-los. O corpo docente, gestão e demais funcionários para se comunicarem habilmente participam de grupo via Whatsapp, onde solicitam materiais, informações e são notificados de eventos e imprevistos. É válido ressaltar que no mês de fevereiro de 2019 que os estagiários do PIBID foram integrados.

A escola atualmente possui 14 salas de aula, 01 Secretaria, 01 sala de Professores, 01 Sala da Diretoria, 01 Sala da Coordenação Pedagógica, 01 Refeitório, 01 Sala de jogos, 01 Sala de Informática, Sanitários: 04 Masculinos e 04 Femininos, Corredores Internos, Cobertos que facilitam a intercomunicação entre os blocos de sala de aula, 01 Sala de Atendimento Especializado em Educação, 01 Almoxarifado, 01 Sala de Arquivo Passivo, 01 Dispensa para merenda escolar, 01 Sala de Material de Educação Física e 01 Quadra de Esportes coberta.

A experiência na Escola Prof^a. Maria Natividade nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, proporcionou descobertas, ratificações, incertezas e momentos de alegrias. É essencial para a formação do graduando experienciar, compartilhar saberes e vivenciar a prática docente no espaço escolar.

Conforme o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB, a escola EMEF Professora Maria Natividade, desde 2011 não atingiu as metas estabelecidas. Em 2017, seria 4,5, mas ficou abaixo da meta com 4,0. Em 2019, haverá o SAEB e o corpo docente já discute na melhoria e no alcance da meta.

Os participantes da pesquisa foi a gestora e cinco professores do Ensino Fundamental, Anos Iniciais da Escola Maria Natividade por estarem diretamente envolvidos com a escola e especialmente com o processo de ensino aprendizagem.

Para a análise dos dados utilizamos a análise do discurso com base em Orlandi (2001) que corrobora que o discurso nos remete a ideia de curso, de percurso, de correr, etc. Para a autora o discurso é assim a palavra em movimento, em que se observa o homem falando, não é algo pronto e acabado, que se fixa em apenas uma interpretação, pelo contrário, o discurso pode ter várias interpretações, depende do pesquisador e de seu posicionamento com relação aos sentidos.

Na concepção de Orlandi (2001, p.59) “[...] a análise do discurso procura compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem”. Desse modo, a análise do discurso visa compreender como os objetos simbólicos, produzem sentido analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido. É importante destacar que a “[...] análise de Discurso não procura o sentido “verdadeiro”, mas o real do sentido em sua materialidade linguística e histórica”.

3 O ENSINO FUNDAMENTAL E OS ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM

O Ensino Fundamental é uma das etapas da Educação Básica. Tal fato, indica no Art. 22 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/96) que, “[...] a educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores” (BRASIL, 1996). Sendo, a base para os discentes alavancarem na vida, no trabalho, por permitir explanações de conhecimentos básicos.

A LDB nº 9.394/96 estabelece a inserção de crianças aos seis anos de idade no Ensino Fundamental, tornando-se meta pela Lei n. 11.274/2006 que altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade.

O Ensino Fundamental de 9 (nove) anos também foi instituído no Plano Nacional de Educação 2014-2024, visando ampliar para nove anos a duração do Ensino Fundamental obrigatório com início aos seis anos de idade, à medida que for sendo universalizado o atendimento na faixa de 7 a 14 anos (BRASIL, 2014).

Nesse sentido, no Art. 32 da LDB nº 9.394/96, essa etapa de ensino tem por objetivo possibilitar:

- I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o plenodomínio da leitura, da escrita e do cálculo;
- II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;
- III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;
- IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

Esses objetivos corroboram para a formação básica do cidadão, tendo o direito de frequentar e dever de internalizar os objetivos para progredir nos aspectos sociais, afetivo, cognitivo e outros. A LDB n. 9.394/96 ainda assegura a obrigatoriedade da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena no currículo escolar por meio das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, fruto das reivindicações dos movimentos sociais negros e indígenas no Brasil.

O currículo do Ensino Fundamental será elaborado/reelaborado por meio da Base Nacional Comum Curricular - BNCC, que entrou em vigência no ano de 2019 em todas as escolas brasileiras. A mesma está pautada em competências e habilidades. Nesse sentido,

a BNCC propõe: “[...] a superação da fragmentação radicalmente disciplinar do conhecimento, o estímulo à sua aplicação na vida real, a importância do contexto para dar sentido ao que se aprende e o protagonismo do estudante em sua aprendizagem e na construção de seu projeto de vida” (BRASIL, 2017, p. 15).

De acordo com a LDB nº 9.394/96 o Ensino Fundamental é obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria (BRASIL, 1996). O Conselho Nacional de Educação – CEB, por meio da Resolução Nº 3/2005 define normas nacionais para a ampliação do Ensino Fundamental para nove anos, antecipando a obrigatoriedade de matrícula no Ensino Fundamental aos seis anos de idade. O Ensino Fundamental tem por objetivos, dentre outros:

- I – O desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;
- III – o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores (BRASIL, 2005).

O Ensino Fundamental contribui para o desenvolvimento da formação dos alunos no tocante ao processo de ensino e aprendizagem com foco no domínio da leitura, escrita, conceitos matemáticos, contribuindo para a aquisição de conhecimentos e valores. Nesse sentido, o processo de ensino é compreendido como “[...] o conjunto de atividades organizadas do professor e dos alunos, visando alcançar determinados resultados (domínios de conhecimentos e desenvolvimento das capacidades cognitivas) [...]”, tendo como ponto de partida “[...] o nível atual de conhecimentos, experiências e de desenvolvimento mental dos alunos” (LIBÂNEO, 2006, p.79).

A esse respeito o autor, ainda afirma:

O ensino é um processo, ou seja, caracteriza-se pelo desenvolvimento e transformação progressiva das capacidades intelectuais dos alunos em direção ao domínio dos conhecimentos e habilidades, e sua aplicação. Por isso, obedece a uma direção, orienta-se para objetivos conscientemente definidos; implica passos gradativos, de acordo com critérios de idade e preparo dos alunos.

Segundo Libâneo (2006) o ensino tem um caráter intencional e sistemático, o que exige tarefas docentes de planejamento, direção das atividades de ensino e aprendizagem e o processo de avaliação visando o alcance de determinados resultados em termos de domínio de conhecimentos, habilidades, hábitos e atitudes.

O processo de ensino foi objeto de análise, sobretudo quando observamos a Turma do 4º Ano do Ensino Fundamental. Inicialmente verificamos que havia na sala de aula 28

alunos matriculados, porém 26 alunos frequentavam as aulas. Conforme o Regimento Unificado das escolas municipais de Capanema (2009, p. 20), Art. 56, “[...] as turmas de ensino fundamental de nove anos deverão ser formadas: [...] terceiro, quarto e quinto ano com no mínimo vinte e cinco e no máximo trinta crianças por turma”. A classe também possui um aluno com deficiência.

O tempo que passam diariamente na escola é cerca de 4 horas, observou-se também que há quatro alunos com defasagem de idade – série, isto é, possuem dois anos ou mais de atraso escolar. De acordo com Ribeiro e Cacciamali (2012, p. 497):

São considerados em situação de defasagem escolar os alunos que não possuem no início de cada ano letivo os anos de estudo compatíveis com a sua idade. Em geral, os determinantes da defasagem idade-série são: entrada tardia na escola, evasão ou repetência escolar.

A defasagem escolar pode acontecer por vários fatores sociais, um deles que influencia muito é seu ambiente familiar, é onde as crianças tem seus primeiros conhecimentos e aprendizagens, o outro meio pode ser o ambiente escolar, a criança pode possuir alguma dificuldade de aprendizagem, sofrer algum tipo de discriminação, dentre outras situações que pode contribuir para que o aluno tenha algum bloqueio e não consiga avançar no processo de ensino e aprendizagem (RIBEIRO; CACCIAMALI, 2012).

Dessa forma, é de suma importância que o professor fique atenta para poder ajudar seu aluno e estimulá-lo a ter um bom rendimento escolar. Observamos que os alunos que sofrem defasagem de idade-série, não possuem um ambiente que seja propício para que aja uma estimulação escolar, tem crianças que não recebem ajuda dos pais em suas atividades, os pais muitas vezes não possuem o conhecimento suficiente para ajudar seus filhos e não tem condições financeiras para que os mesmo tenham uma ajuda para além da escola e do ambiente familiar.

Na turma do 4º Ano percebemos que a distorção idade-série varia entre 11 a 12 anos que corresponde a três alunos nessa defasagem, evidencia-se que a maioria da turma está em idade escolar, que corresponde a uma faixa etária entre 9 e 10 anos, conforme o Regime Unificado das Escolas Municipais de Capanema. No entanto, no PPP da escola observou-se que não é retratado sobre defasagem idade-série. Mas, existiu a orientação para o trabalho pedagógico desses alunos com os professores da sala do Atendimento Educacional Especializado (AEE), porém esse trabalho pedagógico, naquele momento do estágio não foi concretizado.

No desenvolvimento do processo ensino aprendizagem observou-se ainda que alguns discentes apresentam problemas de visão e isso prejudica no aprendizado e o acompanhamento das atividades didático-pedagógicas. Para tanto, considera-se necessário o acompanhamento de um profissional especializado, isso exige políticas públicas destinadas aos alunos que apresentam deficiência visual, possibilitando exercer o seu direito de ser incluído na escola, pois por meio da visão “[...] a criança estabelece a comunicação visual com o mundo exterior desde os primeiros meses de vida porque é estimulada a olhar para tudo que está à sua volta [...]”. (SÁ, CAMPOS, SILVA, 2007, p, 15).

No processo de ensino aprendizagem é necessário observar os materiais didáticos como provas, apostilas, letra de tamanho adequado a visualização do aluno de modo a facilitar a leitura e a compreensão do conteúdo pelo aluno. Neste sentido, é necessário que “[...] os conteúdos escolares privilegiam a visualização em todas as áreas de conhecimento, de um universo permeado de símbolos gráficos, imagens, letras e números. Assim, necessidades decorrentes de limitações visuais não devem ser ignoradas, negligenciadas” (SÁ, CAMPOS, SILVA, 2007, p. 13). Desse modo, é necessário que o professor e outros agentes educacionais estejam “[...] atentos em relação aos nossos conceitos, preconceitos, gestos, atitudes e posturas com abertura e disposição para rever as práticas convencionais, conhecer, reconhecer e aceitar as diferenças como desafios positivos e expressão natural das potencialidades humanas” (Idem 2007, p. 13).

Na sala de aula alguns alunos não sentem muitas dificuldades para realizarem as atividades, mas a maioria busca o auxílio da docente regente e dos estagiários. Observamos que as atividades descritas e corrigidas na lousa facilita para aqueles alunos que não realizaram as atividades no tempo e espaço solicitado pela professora.

A procura por livros para lerem nas suas residências, foi outro aspecto observado na sala de aula e verificamos que apesar do incentivo da professora, não era hábito da maioria da turma a leitura por meio de consultas em livros disponíveis na sala de aula e/ou sala de leitura da escola, pois no decorrer das observações somente cerca de quatro discentes praticavam o empréstimo de livros.

Segundo Soares (2015) o problema pelo gosto da leitura começa muito cedo, os pais não têm o hábito de ler e as crianças vão ter esse contato com livros na escola, onde as atividades com texto geralmente são mecanizadas e desprezam a opinião do aluno. Sendo transmitido pela docente o hábito de ler de uma forma muito rígida, sem algo mais atrativo

que chame a atenção dos discentes.

Solé (1998) aponta sobre o ensino das estratégias de leitura para o desenvolvimento da compreensão leitora². Para a autora, a leitura é um “[...] processo de interação entre o leitor e o texto; tenta-se satisfazer para *[obter uma informação pertinente para]* os objetivos que guiam sua leitura”. (SOLÉ, 1998, p.22 – Grifo no original) e isso tem várias consequências, quais sejam:

Em primeiro lugar, envolve a presença de um leitor ativo que processa e examina o texto. Também implica que sempre deve ter um objetivo para guiar a leitura; em outras palavras sempre lemos para algo, para alcançar alguma finalidade. O leque de objetivos e finalidades é que faz com que o leitor se situe perante um texto é amplo e variado: devanear, preencher um momento de lazer e desfrutar, procurar uma informação concreta, uma atividade (SOLÉ, 1998, p. 22).

Solé (1998) ainda menciona o fato de que o leitor constrói o significado, é importante que a leitura envolva propostas contextualizadas e convincentes para o leitor. Assim, afirma: “[...] importante é que por um lado, os alunos podem aprender melhor mediante as intervenções do professor e, por outro, que sempre, no nível adequado deveria poder mostrar-se competente nas atividades de leitura autônomas” (SOLÉ, 1998, p.117).

Na evolução da escrita, discutido por Emília Ferreiro, nos permite ratificar que a turma se encontra no nível alfabético. A esse respeito Lopes (2010, p. 10) afirma:

Nesse nível, pode-se considerar que a criança venceu as barreiras do sistema de representação da linguagem escrita. Ela já é capaz de fazer uma análise sonora dos fonemas das palavras que escreve. Isso, porém, não significa que todas as dificuldades foram vencidas. A partir daí, surgirão os problemas relativos à ortografia, entretanto, trata-se de outro tipo de dificuldade que não corresponde ao do sistema de escrita que ela já venceu.

De fato, na escrita notamos muitos erros ortográficos e a contrariedade de qual era o ponto de exclamação e interrogação, esses sinais eram bastante confundidos por alguns alunos, assim como, na dúvida de identificar as operações matemáticas e “armá-las”. Inclusive, não dominavam a tabuada, sendo interessante trabalhar dando sentido e converter para o cotidiano do aluno.

² Ver discussão circunstanciada em SOLÉ, Isabel. Estratégias de Leitura. 6 ed. Porto Alegre, Artmed, 1998.

3.1 Espaços de Aprendizagem no Ensino Fundamental

3.1.1 Sala de Leitura

O ambiente físico da sala de leitura abrange duas TVs e duas caixas amplificadas, cadeiras, mesas, um ar condicionado, uma lousa, aparelho de som. Há quatro soquetes instalados, porém duas lâmpadas foram inseridas, pelo fato das janelas de vidro não serem tampadas, a iluminação é razoável.

Ao que se pode notar, no espaço há necessidade reorganização, visto que muitos livros estão misturados com os demais gêneros de literatura. Além disso, roupas que seriam vendidas no brechó da escola foram colocadas na sala de leitura. Vejamos a imagem:

Figura 3 - Sala de Leitura



Fonte: Arquivo pessoal, 2018

Outrossim, não existe um responsável contratado para realizar a manutenção e conservação do acervo e espaço físico da sala. Os próprios docentes quando frequentam o ambiente devem cuidar e zelar pela organização, mas percebemos o descuido com a ordenação dos livros. No PPP da escola não consta projetos, ações direcionadas a sala de leitura, também são poucos livros literários, a maioria são livros didáticos.

Na sala de leitura observamos poucos livros de literatura infantil foram encontrados. Segundo a professora do 3º ano, esses livros foram alocados para todas as salas de aula. A professora regente do 4º ano, nos dias em que assistimos suas aulas, não usou e nem realizou atividades na sala de leitura.

Para apurar com mais detalhes a frequência e a utilização do espaço, realizamos entrevistas semiestruturada com docentes do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. A esse

respeito questionou-se: *Qual o dia que você frequenta a sala de leitura?*

Profª 1º Ano: *O dia da minha turma 1/9 é na quinta feira, porém, de acordo com nossa necessidade de atividades, podemos usar outros dias também. Isso é flexível. Então, usamos sempre.*

Profª 2º Ano: *[...] dia de terça- feira e sexta feira quando tem vaga.*

Profª 3º Ano: *Eu levo nas quartas-feiras, a partir das 16h .*

Profª 4º Ano: *É ... a sala de leitura esse ano não usei muito, usei mais a sala de aula como sala de leitura, né, usando caixa amplificadora, usando os livros [...].*

Profª 5º Ano: *Atualmente nenhum dia.*

Percebemos nas falas das professoras do 1º ao 3º ano, que elas utilizam as salas de leitura, dessa forma possibilita aos alunos novas experiências, aprendizados, conhecimento em diversas áreas, pois estimula os alunos a ler, a aprimorar a escrita, possibilitando um novo horizonte de ensino aprendizagem. Fazer os alunos terem acesso a leitura e lerem, os torna sujeitos mais críticos, sujeitos pensantes e transformadores da sua própria realidade, pois ler reconstrói e constrói novos cidadãos.

Segundo Solé (2014, p.31) sempre que lemos é “[...] para alcançar alguma finalidade. O leque de objetivos e finalidades que faz com que o leitor se situe perante um texto é amplo e variado” [...]. Nesse sentido, a leitura no âmbito escolar é necessária, para que se possa explorar outros caminhos, conhecimentos, fazer uma relação com seus conhecimentos prévios, pois a leitura deve ser intencional, fazer essa junção entre o aluno e a leitura, com a finalidade de entender o que a leitura trás é construir seus próprios conhecimentos por meio dela.

Enquanto nas falas dos docentes do 4º e 5º ambos não utilizam a sala de leitura para realizar atividades fora da sala de aula, apenas ocorre o empréstimo de livros, visto que nas confissões é mais utilizada para essa finalidade. É visível que estão preocupados como repasse de conteúdos didáticos e não citaram o uso de livros paradidáticos que são mais lúdicos e incentivam o aprendizado do aluno. A partir da frequência da maioria das professoras na sala de leitura, questionamos: *O que você mais realiza na sala de leitura?* Assim elas responderam:

Profª 1º Ano: *Realizamos diversas atividades. Mas, os vídeos e produção de textos é o mais frequentes. [...].*

Profª 2º Ano: *É... é a própria leitura que às vezes a gente levava os livros daqui da sala pra fazer assim... a questão do espaço lá é mais aconchegante e... a questão dos vídeos educativos que a gente fazia lá.*

Profª 3º Ano: *Na sala de leitura, propriamente dita, eu busco é...trabalhar com eles muito a leitura livre, o empréstimo de livros. Ai eles fazem as escolhas dos*

livros, eles mesmos, eles mesmos preenchem o formulário, tá? A gente só faz assinar o nome da criança e ver a data que ela tá levando e o título.

Profª 4º Ano: [...] *sendo livros emprestados pelos alunos que levam, no outro dia vão explicar e leituras diversificadas de acordo com o jornal, livros mesmos da escolha deles.*

Profª 5º Ano: *Gosto. Normalmente eu não frequento, eu levo o livro para sala, entendeu. Eu não levo o aluno para a sala de leitura. Ai a gente fica naquela preocupação de que bagunçou, mas eu levo...*

Constata-se nas falas das professoras a falta de um estímulo de leitura mais atrativa para o aluno, sendo utilizado a sala de leitura somente para empréstimo de livros e como um lugar onde são reproduzidos “vídeos”. Nesse sentido, o verdadeiro compromisso com a sala de leitura deveria ser de fazer essa aproximação dos alunos, principalmente por ter um espaço tão rico e diversificado que é o espaço da leitura. Solé (2014, p.48) afirma: [...] Um objetivo importante nesse período de escolaridade é que as crianças aprendam progressivamente a utilizar a leitura com fins de informação e aprendizagem [...]”, leva-los a sala de leitura para escolher um livro que tenha interesse, incentivar a contar aquilo que os mesmos entenderam da leitura da forma deles, fazendo uma relação com seus conhecimentos prévios, sem críticas, mas deixá-los a vontade para se expressar. Dessa forma, é necessário que os professores tenham o hábito de ler em sala para que os alunos tenham esse interesse. Ainda, perguntamos aos professores: *Você gosta de trabalhar com livros didáticos?*

Profª 1º Ano: *O livro didático é um recursomuito bom. Dependendo do livro é ótimo ternos em mão. Mas Não é tudo que têm no livro, que uso. Ele é apenas um suporte para nosso trabalho. Temos que selecionar o mais preciso.*

Profª 2º Ano: *Gosto, sim. Tem bastante conteúdos, mas não só eles, a partir deles é que eu faço o meu planejamento, porque também sigo a sequência didática [...], então eu tento visualizar o contexto da nossa realidade, o que a gente tá vivenciando, qual é a necessidade daquele mês. Então, eu faço essa conexão entre o conteúdo do livro, a minha sequência didática pra'quele contexto ... e o próprio mês que está inserido.*

Profª 3ª Ano: *Assim, como é pedido nesse pequeno formulário que eles façam o resumo contando o que eles entenderam através da leitura. Isso aí, também é uma forma de aproximar a família, porque quem vai fazer isso aí, não é aqui na escola. Ele vai fazer na casa, com a mãezinha dele ou o responsável por ele, aí na semana que vem quando eles vierem de novo, eu já não procuro fazer empréstimo de livros. Eu já procuro... que esse mesmo livro que eles levaram, eles vão contar, claro que não vão ser todo, porque 45 min não dá, mas, a gente escolhe, né, seleciona, faz um rodízio.*

Profª 4º Ano: *Dependendo, do livro, né. As vezes tem livro que é muito enfadonho. Quando o aluno corresponde com os livros, que te dá um efeito, que tá querendo, se interessando a gente utiliza, mas eu gosto, dependendo do livro, entendeu?*

Profª 5º Ano: [...] *uso todos os livros de português, matemática de 5º ano lá na minha sala. Ajuda bastante.*

Nos discursos das professoras, elas vão para além dos livros, gostam de utilizá-lo,

mas não somente os livros, sendo ele um suporte para as mesmas trabalharem em suas aulas e outros livros que podem ser mais significativo naquele momento trabalhado por elas. A esse respeito Bittencourt (2008, p.167) afirma: “A relação que o professor estabeleceu com o livro escolar tornou-se, portanto, uma questão fundamental” [...]. Nesse sentido, é de suma importância os professores saberem manusear os livros didáticos para transmitir os conhecimentos de forma atrativa e significativa para os alunos, fazendo um despertar de interesse neles, se os professores tiverem uma boa relação com os livros, conseqüentemente seus alunos terão um olhar diferenciado.

Para analisar as afinidades das professoras, onde as mesmas mais trabalham com os livros indagamos: *Você prefere utilizar mais a sala de leitura ou a sua própria sala de aula?*

Profª 1º Ano: *Todos os locais para trabalhar é válido. É bom quando temos sala de leitura, pois diversifica o trabalho.*

Profª 2º Ano: *Eu creio que tem que ter os dois espaços. A sala de leitura tem que ser momentânea, porque lá (sala de leitura) tem que ser um espaço diferenciado. A nossa rotina, no nosso dia a dia é a sala de aula.*

Profª 3º Ano: *Com certeza, ajuda bastante. [...] É claro que a gente tem que usar a nossa sala de aula, porque é o espaço físico de trabalho geralmente, cotidianamente é esse, porém é importante a gente utilizarmos diversos espaços da escola, nós temos que explorar, até mesmo a cozinha, o refeitório pra fazer uma receita, porque não deixa de ser leitura, é leitura também.*

Profª 4º Ano: *Os dois, mas esse ano particularmente usei mais a sala de aula, usei assim pra vídeo, pra explicar sobre Ciências, sobre Geografia foi feito esses trabalhos com eles na sala de aula, entendeu?*

Profª 5º Ano: *Eu... o livro pra sala de aula é incluído na sala de leitura, né. Então, a gente pega eles lá. Como não tem para todos os 5º anos aí a gente trabalhando depois devolve.*

Segundo as professoras, fica evidente a importância dos dois espaços sendo eles a sala de aula e a sala de leitura, no entanto as mesmas utilizam mais a sua própria sala de aula, pois é seu espaço físico e a sala de leitura fica mais como um espaço momentâneo e diferenciado, quando necessário utilizarem para fazer uma aula diferente. Sendo de suma importância como também afirma a professora do 3º ano, explorar os diversos espaços da escola, buscando fazer uma relação aluno e o espaço escolar, fazendo ele perceber que todos os espaços são ricos em aprendizados e os faz pertencentes do ambiente em que convivem.

Os espaços que são trabalhados a leitura, tanto da sala de aula como a sala de leitura, trazem conhecimentos para o aluno e estimula sua escrita. Segundo Solé (2014, p.74): “A importância da leitura feita por outros reside em que contribui para familiarizar a

criança com a estrutura do texto escrito e com sua linguagem [...]”. Assim, o professor ao ler para os seus alunos, trás estímulos cognitivos, principalmente trabalhando uma linguagem onde mais próxima das suas vivências, dessa maneira estimula principalmente também a escrita dos mesmos.

De modo geral, evidenciou-se que os discursos são pautadas em diversificar, utilizar outros espaços como a sala de leitura que também é utilizada para empréstimo de livros e para assistir vídeos. Entretanto, é um espaço que pode abranger atividades mais atraentes para os alunos. O local deveria ser aberto para as crianças fazerem uso diário desse ambiente, apesar das normas de dias exatos para o docente levar seus alunos, também seria bom o aluno ser estimulado a buscar livros por conta própria ampliando o acervo de leituras.

3.1.2 Sala de jogos

A sala de jogos é um espaço onde deve ser trabalhado de forma lúdica, estimulando a aprendizagem através dos jogos e brincadeiras, tendo uma intencionalidade, que é o desenvolvimento do ensino escolar. Sendo o professor o mediador das construções desses conhecimentos, das regras que devem ser seguidas e da relação com o meio em que vivemos. O jogo pelo jogo não tem valor significativo pedagogicamente, por isso o papel do professor para transformar um simples jogo em um momento de elevar as habilidades cognitivas dos alunos é de muito importante para o sucesso do processo de ensino. Segundo Abrantes (2010. p. 3) :

O jogo possui vários objetivos pedagógicos como: trabalhar a ansiedade dos alunos por meio de atividades que exigem concentração; rever limite, pois é pelos jogos que o aluno se enquadra em regras, reagindo com suas emoções para aprender a ganhar e perder, aprendendo inclusive a respeitar e ser respeitado; proporcionar confiança em si e nos outros; estimular a autoestima; confeccionar 18 jogos, fazendo com que a criança tenha oportunidade de errar, acertar, construir, criar, copiar, desenvolver planos aumentando sua autoestima, acreditando que é capaz de fazer muitas coisas para si; desenvolver a autonomia, proporcionando ao aluno a oportunidade de responsabilizar-se por suas escolhas e atos; ampliar o raciocínio lógico, exigindo planejamento e estratégias para raciocinar.

Esses objetivos pedagógicos que é trabalhado no jogo, traz grandes ensinamentos tanto para a vida acadêmica do aluno, quanto para seu meio social, trazendo experiências e habilidades muito importante para o seu aprendizado e amadurecimento escolar, sendo o espaço da sala dos jogos extremamente importante. Na sala de jogos também deveria

funcionar a sala de informática, mas até o momento a Escola Maria Natividade não dispõe dessa sala e nem de professor responsável, como afirma a Diretora da escola:

Diretora da Escola: *Não existe ninguém responsável, a secretaria não tem esse profissional específico esse ano. Quando eu cheguei aqui em 2017 só existia mesmo a carcaça dos computadores e se não tem computador, não tem mais sala de informática.*

Nesse sentido, fica evidente o quão os alunos da escola Maria Natividade ficam marginalizados de um direito que é obrigatório, uma sala de informática dentro de uma escola faz a diferença, possibilitando aos alunos novos conhecimentos, contribui para a autonomia em fazer seus trabalhos, suas pesquisas e possibilitar aqueles que não tem acesso a um computador na residência ou em um cyber, a terem acesso na escola, é necessário que seja de fato uma preocupação para que as autoridades do município assumam esse compromisso com a educação.

Segundo Almeida (2009) a tecnologia e a busca de informações selecionadas ajuda o aluno a resolver problemas do cotidiano, compreender o mundo e atuar na transformação do seu contexto, onde irá ter o acesso a informação, tendo experiências e a compreensão crítica da realidade social, cultural, educacional podendo levá-lo a uma sociedade mais igualitária. Dessa forma, é necessário que o aluno tenha esse acesso a tecnologia e que aprenda da melhor maneira como usar para seu rendimento escolar e pessoal. A partir da observação visualizamos alguns recursos na sala de jogos.

Figura 4 - Recursos da sala de Jogos**Figura 5- Caixa amplificadora**

Fonte: Acervo da Pesquisadora, 2018

A sala de informática é uma sala de jogos matemáticos e Língua Portuguesa onde os professores têm livre acesso a sala, no entanto, segundo a Diretora [...] *é um ou outro professor que usa as salas*. Ela acredita que todos os espaços da escola são importantes e que é necessário a saída do aluno para outros ambientes fora de sua sala de aula. Na sala de informática que passou a ser uma sala de jogos tem a rádio, já que a escola não tem uma sala específica. Como nos diz a Diretora: [...] *já existia alguns materiais só não a mesa de áudio, só restou a caixa, [...] foram montadas juntas a mesa de áudio e a caixa amplificadora que a escola possui e já foi utilizada na Feira Pedagógica, Artística e Cultural*.

É interessante como esses recursos ajudam o ambiente escolar a ser mais favorável aos alunos, ainda assim, não substitui a sala de informática de fato como deveria ser, a tecnologia atualmente está em toda parte e é um direito dos alunos ter acesso no seu ambiente escolar. A Escola Maria Natividade ainda não dispõe desse recurso, dessa maneira, dificulta o ensino aprendizagem principalmente dos alunos que não tem acesso a informática fora da escola e depende dela para estar incluído nesse mundo tecnológico.

3.1.3 Sala do AEE

Segundo as Diretrizes da Política Nacional de Educação Especial, a Educação Especial é uma modalidade de ensino de ensino, tendo como direito do aluno atendimentos especializados com recursos e serviços que facilita o mesmo ser inserido no ensino regular.

Figura 6 - Sala de Atendimento Educacional Especializado – AEE



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2018

Segundo as Diretrizes Operacionais da Educação Especial para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica a sala de Atendimento Educacional Especializado - AEE tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas. Esse atendimento complementa e/ou suplementa a formação dos alunos com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela (BRASIL, 2009).

O AEE é realizado, prioritariamente, na Sala de Recursos Multifuncionais da própria escola ou em outra escola de ensino regular, no turno inverso da escolarização, podendo ser realizado, também, em centro de atendimento educacional especializado público ou privado sem fins lucrativos, conveniado com a Secretaria de Educação (BRASIL, 2009).

Na Escola Maria Natividade funciona a sala Multifuncional AEE com duas profissionais, o atendimento ocorre três vezes por semana e cada atendimento tem no máximo de 45 minutos, algumas vezes o atendimento tem que ser em grupo, no entanto, só são atendidos em grupo os alunos especiais que tenha o mesmo nível e a mesma deficiência.

A Constituição Federal (1988), no art. 208, inciso III Atendimento Educacional Especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino BRASIL,1988). A LDB nº 9.394/96 no tocante a Educação Especial estabelece:

Art. 58. Entende-se por educação especial, [...] a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais.

§ 1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial.

§ 2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular.

§ 3º A oferta de educação especial, deve ser constitucional do Estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a Educação Infantil. Nesse sentido, é um direito do aluno o atendimento especializado e um currículo onde assegurarão a sua inclusão de permanência na escola, sendo um dever do Estado.

O aluno com deficiência tem seu direito assegurado pela LDB nº 9.394/96, preferencialmente no ensino regular para ter o mesmo direito que os demais, onde poderá ter uma interação social e rica em momentos que faça se sentir acolhido, o mesmo possui atendimentos especializados no contra turno para potencializar seu desenvolvimento.

Frias e Menezes (2009, p 12) afirmam: “o movimento de inclusão traz como premissa básica, propiciar a Educação para todos, uma vez que, o direito do aluno com necessidades educacionais especiais e de todos os cidadãos à educação é um direito constitucional [...]”.

Segundo a docente da sala do AEE: *Nossa realidade às vezes não nos permite isso, então a criança acaba sendo atendida no AEE da escola no mesmo horário que ela é matriculada no ensino regular. A realidade de cada aluno é bem diferenciada, alguns moram no interior e o transporte só é ofertado pela Prefeitura pela manhã, tem alunos que tomam medicação e acabam passando a manhã dormindo. A esse respeito afirma: [,,] maior barreira é com os pais, alguns dos alunos que podem ser atendidos no contra turno os responsáveis por eles não trazem e dessa forma são atendidos no horário de aula mesmo.*

Cada aluno tem seu PDI - Plano de Desenvolvimento Individual do aluno. De acordo com a Professora do AEE:

Profª AEE: *Avaliar, planejar e reavaliar. A avaliação de como o aluno aprende para acompanhar o currículo, depois o planejamento, se você descobriu como ele aprende, você vai por no plano a melhor maneira para ele aprender e se você descobriu quais recursos que ele vai precisar na sala de aula, você precisa elaborar ou produzir e não usar só no atendimento, tem que ser usado na sala de aula também avaliar se o recurso realmente ajudou o aluno e se aquela maneira que você descobriu é melhor pra ele aprender e no final alguma coisa não deu certo para alcançar o objetivo planejado você precisaria avaliar.*

Foi evidente percebermos o comprometimento da professora com seus alunos, sempre em busca da melhor maneira de ajudá-los, facilitando sua aprendizagem e sendo comprometida com seu trabalho, procurando fazer a diferença. Dessa forma, é assim que serão alcançados resultados maiores, bons rendimentos e assim o aluno vai percebendo seu desenvolvimento também e ficando feliz por estar conseguindo aprender no seu tempo e da melhor forma possível. Assim a professora do Atendimento Educacional Especializado, afirma:

Profª Sala do AEE: *O aluno especial tem 10 anos, ele possui dois CIDs paralisia cerebral e autismo, o mesmo não fala, no entanto, entende perfeitamente o que é falado para ele, ouve bem, nós notamos a sua interação com a Professora auxiliar da sala era muito boa, ela sempre muito atenciosa com o aluno, sempre ajudando em todas atividades e acompanhava ele em todos os momentos. O mesmo tem acesso a sala do AEE no período regular, devido ter distúrbio do sono impede que ele venha ser atendido no contraturno e está em processo de alfabetização, seus recursos mais utilizados é o computador onde digita sozinho de maneira mais lenta, treme um pouco, mas consegue escrever algumas palavras e ler também, ele consegue formar as palavras porque tem uma memória visual muito boa e é no computador utilizando o Word que ele faz a maioria dos trabalhos, sem nenhum programa específico. É utilizado também letras móveis, devido não ter coordenação motora, seu material tem que ser todo adaptado e os recursos são de madeira para ele não amassar ou rasgar, tem o quadro interativo que facilita sua aprendizagem.*

O Aluno deficiente do 4º ano se desenvolveu de forma bem significativa, pois foi analisado a melhor forma para dar início ao processo de alfabetização do mesmo, sendo o computador um meio fundamental para poder se expressar e estimular suas habilidades e poder aprender diversas outras palavras, pois já consegue ler e escrever algumas, devido ter uma memória visual muito boa o ajuda bastante a ter novas aprendizagens. Sendo as docentes do AEE as transmissoras e orientadoras do aluno nesse processo de letramento.

As professoras do AEE possuem orientações que vem do MEC para a sala de

recurso multifuncional, a maneira que foi achada para trabalhar com o aluno com deficiência no processo de letramento foi com a palavra toda e foi indicado que a cuidadora também fizesse assim, sempre junto com uma imagem referente para ele associar. A avaliação do aluno é toda adaptada, em caixa alta, letra de forma é ampliada para o aluno ter uma boa visão de sua prova, utilizando bastantes ilustrações.

Segundo a Professora do AEE, [...] *quando chega nas avaliações, eu peço pra elas me entregarem as avaliações com antecedência, a avaliação que elas passam pra turma e diante daquilo como eu também conheço um pouco o aluno e sei um pouco do que ela trabalhou lá.*

Assim, a docente do AEE que acompanha o aluno com deficiência, busca melhorias para que o mesmo tenha uma avaliação adequada, tendo um diálogo. A mesma conversa com a professora regente para elas analisarem, se o que a professora passou para turma e se ela disse que o aluno aprendeu, ela vai adapta para ele. No entanto, para um aluno do 4º ano ele ainda não alcançou suas habilidades necessárias para fazer a divisão e multiplicação dessa forma, só é sugerido adição e subtração sendo algo mais simples para ele resolver em suas atividades adaptadas.

A professora AEE afirma:

As respostas sempre, geralmente eu digo pra elas fazerem duas ou três opções de resposta com uma correta e a que ele escolher é a que elas têm que colar na prova, ler a prova pra ele, explica o conteúdo, explicar a questão, se ela achar que tem que usar algum material de apoio, elas usam. A resposta tem que ser dada a que o aluno mesmo aponta porque só assim a gente vai conseguir saber se ele realmente entendeu, se ele realmente aprendeu.

Observamos que o se aluno desenvolveu bastante esse ano, principalmente na tecnologia assistiva, durante seu atendimento vimos um vídeo onde o mesmo estava no computador digitando, é incrível como expandiu seus conhecimentos com a ajuda da profissional de seu atendimento especializado, em sala de aula o aluno gosta muito de brincar montando legos, depois de brincar um pouco a sua cuidadora o chama para fazer sua atividade. Notamos que a docente regente do 4ºAno não tinha contato direto com o aluno, quem era responsável para ajudá-lo em seus deveres era a sua cuidadora.

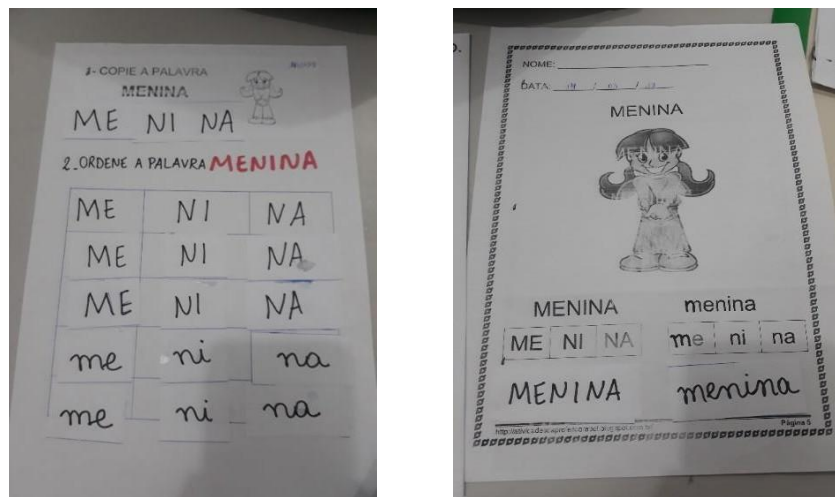
Para Tomaz e Santos (2010, p.13) “[...] o que precisamos na educação brasileira é de profissionais empenhados em romper as barreiras do preconceito e das atitudes que segregam e excluem as pessoas pelos mais diferentes motivos”. Dessa maneira, consideramos necessário que o professor tenha o contato com o aluno que apresenta

deficiência para que ele venha se sentir mais acolhido e seguro no ambiente em que está, a relação do mesmo com os outros alunos era muito boa e bem harmoniosa.

Os recursos que a sala do AEE obtém são jogos matemáticos, que trabalha o conceito das formas, de simetria, das quatro operações básicas, das figuras geométricas. Além do Letramento, cujos recursos se referem: quebra cabeça, monte palavras, procura palavras, jogos software de consciência fonológica, entre outros. Os alunos tem acesso a outros jogos de acordo com sua necessidade para sanar a dificuldade dos mesmos.

No decorrer da observação na sala do AEE foi possível visualizar as atividades desenvolvidas pelo aluno do 4º Ano.

Figuras 9- Atividades realizadas pelo aluno autista do 4º Ano



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2018

Essas atividades que foram feitas é de um aluno atendido na sala do AEE, com a ajuda da professora responsável, visando melhorar a sua capacidade de alfabetização. Nesse processo inclusivo observamos também as atividades realizadas no Quadro Interativo.

Figura 10- Quadro Interativo



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2018

O Quadro interativo é onde o aluno faz a maior parte de suas atividades na sala de aula com a ajuda de sua cuidadora, pois o mesmo não tem o contato direto com a professora regente, percebeu-se que a mesma não sabe como interagir com o aluno deficiente e sempre prefere que a sua cuidadora seja a responsável por ajudá-los em suas atividades dentro da sala de aula, causando um certo desconforto, por ser o único que não recebe uma atenção da professora da turma do 4º ano.

A partir do processo de ensino aprendizagem e de seus espaços nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental apresentamos a seguir a prática educativa de uma professora do 4º Ano do Ensino Fundamental a partir da observação em sala de aula e de seus discursos.

4 A PRÁTICA EDUCATIVA, FORMAS DE ORGANIZAÇÃO E AS METODOLOGIAS NO ENSINO FUNDAMENTAL, ANOS INICIAIS

Zabala (1998) analisa as diferentes formas de organização social dos alunos vivenciadas na escola e sua relação com o processo de ensino aprendizagem. Ele, aponta as características da homogeneidade e heterogeneidade que esses grupos tradicionalmente são organizados na escola. Nesse sentido, o autor considera o tipo de aprendizagem que está sendo levado pelos alunos e os objetivos expressos pela própria escola.

De acordo com Zabala (1998) a escola é considerada um grande grupo, já que por meio da gestão fomenta atividades de forma coletiva. Para o autor, “[...] todas as atividades de grupo/escola, se são satisfatórias, potencializam o sentimento de pertinência, e de identificação com o grupo, a autoestima coletiva”. (ZABALA, 1998, p. 114). Tal fato, condiz a necessidade da gestão, do corpo docente em realizar projetos, dentre outras atividades pedagógicas que incluam e estimulem o aluno expor seus trabalhos para a comunidade escolar.

A distribuição da escola em grupos/classes fixos é a mais convencional nas escolas devido a demanda e a necessidade de alocar classes por série. Todos recebem o mesmo material, as mesmas matérias, será o mesmo docente o ano todo com a turma, o planejamento e atividades pedagógicas. Apesar da tentativa de incorporar discentes na mesma série com idades e aspectos cognitivo similares, o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) e a Lei 11.274, de 6 de fevereiro de 2006, por exemplo tornaram o Ensino Fundamental com duração de nove anos. Ainda, assim, os níveis de conhecimentos, culturas dentre outros são distintos.

Dessa maneira, a sala de aula abrange alunos heterogêneos, tendo como fatores congruentes que a aprendizagem não ocorre da mesma forma. Para Zabala (1998) na condição de aprendizagem é necessário observar “[...] o contraste entre modelos de pensar e ativar e o surgimento de conflitos cognitivos, a possibilidade de receber ajuda dos colegas que sabem mais, etc”.

Na escola observamos na sala do 4º Ano que tais situações foram registradas da seguinte maneira: Há alunos que não conseguem acompanhar as aulas, ainda se encontram no processo de alfabetização, alunos com idades discrepantes para a série, uns com mais facilidade em português, outros em áreas distintas, na maioria das atividades a docente permitia os alunos se agrupar com outro aluno. Tirar dúvidas um do outro, mas para ratificar indagavam diretamente a docente, etc. São alguns aspectos que ratificam a

heterogeneidade da sala de aula do 4º ano de Ensino Fundamental.

A Organização de classe em grande grupo considerada a mais tradicional forma de organização nas atividades da sala de aula. Até hoje é a mais utilizada, principalmente nas escolas. O professor fica à frente dos alunos para expor o conteúdo do dia. Por outro lado, todos os estudantes realizam atividades semelhantes “[...] seja escutar, tomar nota, realizar provas, fazer exercícios, debates” (ZABALA, 1998, p. 120). O mesmo processo ocorreu quando um ou grupo de alunos realizaram uma exposição para a turma.

Na maioria dos dias observados essa foi a forma de organização mais efetuada pela docente. Não houve tantas diversificações na maneira de abordar novos conteúdos. Todavia, busca trabalhar com exposições dos alunos, dividindo-os em pequenos grupos para realizar pesquisas sobre assuntos distintos. Dessa forma, facilita circular e oferecer auxílio a cada discente. (ZABALA, 1998). Além disso, é conveniente *grande grupo* para transmitir conteúdos factuais, sendo por exemplo, “as datas comemorativas, os nomes das pessoas, a localização de territórios ou a altura de uma montanha” (LIMA, 2013, p. 33), visto que envolvem a capacidade de memorização do aluno.

A Organização da classe em equipes móveis ou flexíveis, as equipes flexíveis são visíveis quando dois ou mais alunos agrupam-se para realizar tal tarefa proposta pela professora, todavia a equipe dura até a atividade ser concluída. Tal forma é preferível no tocante ao conteúdo procedimental. Nessa sequência, são necessárias “[...] ações direcionadas para a realização de um objetivo” (LIMA, 2013, p. 34).

Zabala (1998, p. 156) entende “[...] grupo/classe móvel o agrupamento em que os componentes do grupo/classe são diferentes conforme as atividades, áreas ou matérias e que pode chegar a ter professores diferentes para cada aluno”. Para ele, “[...] esta configuração é bastante habitual em escolas que trabalham mediante créditos com conteúdos ou matérias opcionais”.

Assim, uma das atividades que visa equipes móveis realizada na sala de aula pelos alunos foi a produção de gêneros textuais - notícias, bilhete, e-mail, quadrinhos, etc. Vejamos a Figura .

Figura 17- Equipe na produção de gênero textual – notícia



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2018

Na figura é visível perceber os alunos em produção textual, fazendo uma atividade de pesquisas em jornais para auxiliá-los a produzir, os mesmos são alunos do 4º ano. Antes de propor o trabalho foram elucidados os objetivos e a incumbência de como fazê-los. Sendo que cada equipe foi escolhida para trabalhar sobre um gênero textual. Os alunos tiveram dificuldades no início, após irem até a professora por volta de três vezes para conseguirem compreender o “passo a passo”.

O trabalho individual, por sua vez “[...] consiste em atividades que cada aluno realiza por si só, e é a forma de trabalho que a maioria de sequências de ensino/aprendizagem propõe num ou noutro momento”. Para o autor, “[...] a aprendizagem, por mais que se apoie num processo interpessoal e compartilhado, é sempre, em última instância, uma apropriação pessoal, uma questão individual”. (ZABALA, 1998, p. 165-166).

Na concepção de Zabala (1998) no “[...] trabalho individual o modelo expositivo apresenta diferentes atividades conforme os conteúdos que forem trabalhados em sala de aula” Ainda, corrobora que “[...] numa sequência de ensino/aprendizagem tópica, de exposição-memorização-exame, o trabalho individual é realizado na fase de memorização e exame”. Nesta sequência, evidentemente esquemática, “[...] a fase expositiva ocorre em grande grupo”. Nesse sentido, “[...] a memorização é uma tarefa individual que aluno realiza em aula, ou em casa, nas séries mais avançadas e, finalmente, o exame é um trabalho individual que se realiza em grande grupo”. Ressalta que “[...] é um tipo de trabalho que não permite a interação professor/aluno, além da devolução do exame com a nota correspondente”.

(ZABALA, 1998, p. 166)

Observamos que na aula para atingir a memorização do conteúdo com propósito de efetuar uma prova os alunos naquele momento do estágio eram muito cobrados pela docente, assim como direta ou indiretamente aos pais/responsáveis. A professora ressalta a ausência de compromisso por parte dos alunos, sobretudo por não lerem diariamente, nem estudarem os conteúdos trabalhados.

No dia 18 de dezembro de 2018 ocorreu a prova de Ciências, a Professora do 4º Ano relatava: *aquele tempo de decoreba, de cola acabou (Observação, 2018)*. Apesar da tentativa de incluir pequenos textos e um gráfico salientamos que foi necessário a memorização do conteúdo para resolver a prova, principalmente na questão 6, onde deveria identificar os órgãos do sistema respiratório. Realmente é preciso de início a memorização, mas é necessário que seja significativa para o aluno, ou seja, aprofundar e contextualizar o estudo possibilita um aprendizado consolidado para o estudante.

Dessa forma, a aprendizagem significativa que proporciona interligação do conhecimento prévio (próprio corpo do aluno como referencial) e concretiza novos saberes. Deste modo, enraizar conhecimentos é mais dinâmico na vida do aluno, ao invés de decorar para apenas realizar um exame e ter boas notas. “[...] a aprendizagem, por mais que se apoie num processo interpessoal e compartilhado, é sempre, em última instância, uma apropriação pessoal, uma questão individual” (ZABALA, 1998, 127).

4.1 Metodologias de Ensino

4.1.1 Sequências de atividades de ensino/aprendizagem

As sequências de atividades de ensino/aprendizagem, ou sequências didáticas, “[...] são uma maneira de encadear e articular as diferentes atividades ao longo de uma unidade didática”. Para o autor, as “[...] sequências podem indicar a função que tem cada uma das atividades na construção do conhecimento ou da aprendizagem de diferentes conteúdos [...]” (ZABALA, 1998, p. 26). Assim, “[...] a maneira de configurar as sequências de atividades é um dos traços mais claros que determinam as características diferenciais da prática educativa” (Idem, 1998, p. 24).

Segundo Zabala (1998) as sequências didáticas são “um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos (...)” (ZABALA, 1998, p. 18). A observação das sequências didáticas do 4º Ano do Ensino Fundamental abordadas nas *quatro unidades didáticas* diferem, principalmente da ordem que

se sucede as atividades da prática docente. Nos dias acompanhados, a professora prosseguiu suas aulas dissemelhante da seguinte maneira:

1. Utiliza o livro didático (Para viver e Conviver Valores de A a Z) para contar uma história para a turma, dialoga e questiona sobre a estória, escreve atividades na lousa a respeito da leitura que ouviram (estudo de texto). Em torno de 60min e/ou 90min, os discentes devem realizar os exercícios. Posteriormente, alguns alunos são convocados, por vez, para resolver uma questão na lousa. Avalia a escrita, leitura através dos exercícios e checka o caderno para ratificar a cópiação e resolução das questões.

2. A professora solicita um discente para realizar a leitura à frente da turma. Após a leitura, dialoga e questiona sobre a estória. Em seguida, utiliza o ditado e escreve atividades na lousa a respeito do texto explorado (estudo de texto). Em torno de 60min e/ou 90min, os discentes deveriam realizar os exercícios. Posteriormente, alguns alunos são convocados, por vez para resolver uma questão na lousa. Avalia a escrita, leitura por meio dos exercícios e checka o caderno para ratificar a cópiação e resolução das questões.

3. A docente inicia a aula realizando a leitura de um texto. Ao término da leitura, efetua o ditado. Adiante, escreve na lousa o texto ditado para os alunos verificarem e retificarem os erros ortográficos. Avaliou ao final da aula se o texto foi copiado e corrigido no caderno.

4. A professora comunica atividades para serem realizadas em grupos. Sendo executada na sala de aula ou na casa dos discentes. Adiante, elucida e explicita os objetivos. Escolhe e distribui um tema ou assunto para cada equipe. Conversa com cada grupo e marca o dia da apresentação dos trabalhos. Prossegui uma das sequências de atividades dos itens anteriores caso a atividade proposta seja para casa.

Essas sequências de atividades são as mais usuais na prática da professora regente. Desse modo, percebe-se nos itens 1, 2 e 3 o ato frequente da aula expositiva com o intuito de elucidar, apresentar e incorporar novos conceitos a turma. Segundo Zabala (1998, p. 59) essa estratégia de ensino corrobora a ensinar conteúdos conceituais, assim como, “[...] podem se expor modelos de realização de algum conteúdo procedimental, ou pode-se fazer alguma avaliação sobre as atitudes de algum personagem. Mas o tratamento é basicamente conceitual”. Assim, a necessidade de reconhecer os conhecimentos prévios, de buscar interligar os conteúdos com o cotidiano das crianças, problematizar e sistematizar são fundamentais para obter uma melhor aula expositiva e, principalmente, dialogada.

Ademais, nos três itens há situações em que a docente trabalha sobre os conteúdos

atitudinais. Por exemplo, ocorre antes da leitura ou ao terminar a leitura de um texto, dá-lhes conselhos e até mesmo broncas, buscando relacionar alguns aspectos da leitura com a realidade, comportamentos e valores da escola e sociedade. Porém, a professora fala e os alunos atuam mais como ouvintes. Ou seja, permanece “o caráter conceitual dos valores, as normas e atitudes, quer dizer, o conhecimento do que cada um deles é e implica [...]” (ZABALA, 1998, P.83).

O desejável é criar estratégias e executar para propiciar um ambiente estimulante e relações saudáveis, na convivência entre os alunos e também com o docente. Deste modo, “[...] a maneira de organizar as atividades e os papéis de cada um dos meninos e meninas deve assumir pode promover ou não atitudes como as de cooperação, intolerância e solidariedade” (ZABALA, 1998, 84), sendo um dos casos visíveis quando, os alunos se agrupam com os colegas para resolver os exercícios, auxiliando um ao outro, por exemplo. No item 4, os alunos são incentivados a pesquisar, produzir e apresentar seus trabalhos para a classe.

Segundo Zabala (1998) a maneira de ensinar conteúdos procedimentais deve partir de um contexto significativo para que a aprendizagem seja relevante e praticada facilmente quando necessária. Para isso ocorrer, é viável o aluno saber a função, o motivo de tal atividade proposta. Isso a docente perpetua com clareza. Ademais, a mesma sugere modelos, indicações, o passo a passo para subsidiar os discentes. Deste modo, “[...] a estratégia mais apropriada, depois da apresentação e modelo, será a de proporcionar ajudar ao longo das diferentes ações e ir retirando-as progressivamente ” (ZABALA, 1998, p. 83). Isto decorre nos dias seguintes, o acompanhamento e indagações sobre o progresso do trabalho.

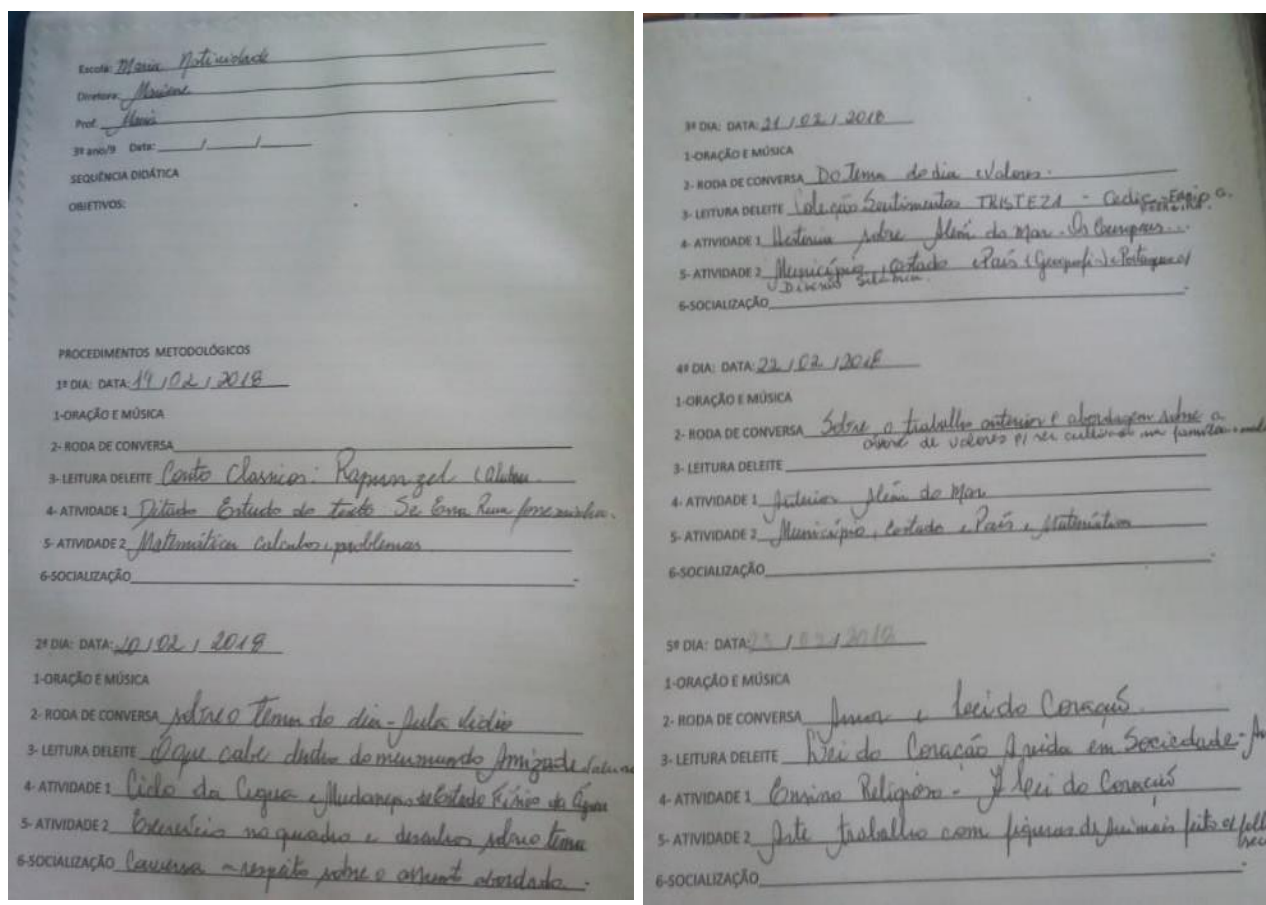
Outrossim, o tipo de atividades do item 4, ainda promove um trabalho independente dos alunos, visto que precisam se abarcar de leituras, análises e reflexões de como será feito seus trabalhos e apresentá-lo para os demais colegas. Fica claro que “o trabalho independente, por um lado, é o objetivo que se persegue com a prática guiada e, por outro, se assume em sua verdadeira complexidade quando se aplica a contextos diferenciados” (ZABALA, 1998, p. 108). Portanto, é necessário o acompanhamento do docente para que o aluno compreenda a realização da atividade, quando aprendida de forma significativa, o aluno saberá aplicar em qualquer contexto, realizando algumas modificações.

O grau de participação dos alunos nas atividades diárias é geralmente como ouvintes. Raramente há variações de trabalhar diferentes conteúdos. Uma das oportunidades aconteceu no dia 27 de dezembro de 2018, na disciplina de Ciências

sobre o sistema locomotor, onde foi utilizado o projetor para transmitir o documentário: Eu, humano, do Globo Repórter. Os alunos ficaram inquietos ao verem a laringe, a estrutura do ouvido com detalhes explícitos no nosso corpo humano. Imediatamente respostas como: *ai cruz credo, vixe, ave maria*, foram relatadas no decorrer do vídeo. Ao término do documentário, não houve uma exploração significativa do assunto. Apenas descreveu alguns aspectos e não provocou os discentes a comentarem a respeito do que viram. Era uma abertura para debate com a turma, já que no início da aula os alunos foram notificados pela Professora: *Isso daqui é pra prova, tá?*

O Plano de Trabalho Docente (PTD), onde contém os conteúdos que são/serão trabalhados pela professora estão organizados em um caderno comum. Todavia, consta apenas atividades, plano de aulas, sequências didáticas até no período de março/2019. Por esse fato, podemos observar a seguir uma sequência de atividades no início do período letivo.

Figuras 18- Sequências didáticas 4º Ano do Ensino Fundamental



Fonte: Arquivo da pesquisadora/2018

Podemos observar nessa sequência didática que se inicia a aula com oração e música, roda de conversa, logo após a leitura deleite. Sendo que professora dar bastante ênfase a

leitura como podemos analisar acima, devido a necessidade dos alunos ao aprenderem a interpretar um texto, a ler e a escrever. Assim, para adentrar nas atividades sobre a leitura e nos exercícios ou aula prática. Atualmente, não é executada oração e música nos dias do estágio na sala de aula, mas a oração acontece antes, no espaço da copa. No 1º, 3º, 4º e 5º dias a docente buscou trabalhar duas sessões de atividades de disciplinas distintas, Língua Português e Matemática, sendo uma antes e depois do intervalo. Isso ainda é rotina recorrente na prática da professora. Raramente há socialização sobre o assunto após as aulas, isso também é visível em ambas as imagens. Geralmente advém a solicitação da professora verificar o caderno dos alunos para serem liberados.

Além disso, foi trabalhado sobre o Verbo, História compartilhada: onde cada um construía um pedaço da história. Dessa forma, é trabalhado a criatividade do aluno, ainda assim muitos não conseguiram dar continuidade e os colegas ajudavam. Texto em quadrinho: onde os alunos organizavam a história, davam voz as imagens que recortaram de alguns livros que estava exposto na sala de aula. Estudo do texto: foram utilizados os jornais que o jornal Liberal distribuía para a escola semanalmente, para ser usado pelos alunos na realização de atividades pedagógicas.

Entretanto nos dias que estivemos presente na sala a professora usou somente para leitura, onde cada aluno escolhia uma parte do texto e lia para os demais e assim por diante as preferências deles sempre eram os textos mais pequenos. Interpretação de texto: para o aluno ler e explicar sobre o tema. cafeicultura: onde a professora somente leu o que a história da cafeicultura, sem nenhuma ilustração ou ludicidade e poucos alunos prestavam atenção em sua leitura. Posteriormente, foi realizada a leitura de um Conto, que foi ditado pela professora e os alunos não gostaram. Em seguida foi feita a leitura do texto sobre obediência e Gêneros textuais.

Assim as sequências didáticas trabalhadas pela professora do 4º Ano do Ensino Fundamental são atividades baseadas em leituras, pesquisas, frases motivacionais. No entanto, a professora não possui nada sobre as sequências didáticas trabalhadas com os alunos, só tinha atividades em seu caderno até fevereiro de 2018, dessa forma, fica visível o distanciamento da prática da professora com a organização dos conteúdos trabalhados.

A Organização dos conteúdos possibilita “[...] um trabalho adequado às características experimentais e pessoais dos alunos, oferecendo diversos graus de compreensão que permitam distintas aproximações ao conhecimento e diferentes níveis de utilização dos conteúdos de aprendizagem” (ZABALA, 1998, p. 128). Assim, “[...] a

organização dos conteúdos na escola deu lugar a diversas formas de relação e colaboração entre as diferentes disciplinas que foram consideradas matérias de estudo”. (Idem, 1998, p. 186), destacando-se: Os centros de interesse de Decroly, o método de projetos de Kilpatrick, o método do estudo do meio e os projetos de trabalho globais.

Na organização dos conteúdos é necessário a existência de materiais com estruturas disciplinares, interdisciplinares e globalizadoras, deve considerar o uso do espaço e do tempo, os meios que favoreçam o trabalho pedagógico (oficinas, realização de debates ou pesquisa bibliográfica, etc.), bem como o trabalho individual personalizado com materiais que potencializem a atividade autônoma (ZABALA, 1998). A Professora da sala do 4º Ano, organiza seus conteúdos da seguinte forma:

Profª 4º Ano: *Eu organizo da medida que vem o planejamento anual, vem se montando projetos que têm da escola, como também tem projeto que vem da SEMED dentro deles vai se fazendo por momentos ou então por semana, monta-se um projeto por semana e dentro dele vem se colocando as outras disciplinas de uma forma global.*

É notório analisar que a Professora do 4º ano segue um planejamento anual, tendo como base os projetos da escola e os projetos que vem da SEMED, para assim montar seu planejamento semanal de todas as disciplinas, organizando seus conteúdos a serem trabalhados. Assim, Zabala (1998, p. 291) sustenta que “[...] os conteúdos de aprendizagens e sua organização em unidades didáticas, só são interessantes para ser entendido se a “realidade” seja apresentada de forma “globalmente”. Nesse sentido, é significativo que o ensino seja trabalhado de forma que englobe os conhecimentos prévios dos alunos, sendo de suma importância que essa preocupação esteja presente no currículo escolar para ser trabalhado.

Para Farias (2010, p. 12), “o currículo é entendido como programa de ensino, conteúdos ou matriz curricular por muitos professores e professoras. Na realidade, existe uma pluralidade de definições e cada uma pressupõe valores e concepções implícitas”. No caso da escola analisada, trabalha de acordo com o calendário das datas comemorativas. Com a gestão anterior as paradas pedagógicas ocorriam a cada quinze dias. Atualmente a técnica pedagógica se reúne com o corpo docente toda as sexta-feira.

Ademais, a docente regente do 4º Ano dá preferência as disciplinas de Matemática e Português. Sendo rotineiramente trabalhado Português e após o recreio Matemática. Todavia, busca incorporar atividades de pesquisa, recorte, colagem, produção de cartazes e outras confecções de acordo com a temática trabalhada, considerando avaliações de Arte. As outras disciplinas poucas vezes foram pautadas. A finalidade da

professora com as atividades é avançar no processo de leitura e escrita, sendo efetivadas cotidianamente. Também enfatiza o aluno ser autônomo, visto que prioriza a busca por novas aprendizagens, incentivando-o a pesquisar, expor suas produções.

As materiais curriculares ou materiais de desenvolvimento curricular, como variável metodológica, “[...] são todos aqueles instrumentos que proporcionam ao educador referências e critérios para tomar decisões, tanto no planejamento como na intervenção direta no processo de ensino/aprendizagem e em sua avaliação”. Zabala (1998) considera que os materiais curriculares são aqueles meios que ajudam os professores a responder aos problemas concretos que as diferentes fases dos processos de planejamento, execução e avaliação lhes apresentam”. (ZABALA, 1998, p. 217).

Para a professora os livros são de suma importância, como também o trabalho em grupo, pesquisas, vídeos. A esse respeito revela:

Profª 4º Ano: facilita o trabalho mediante ao livro escolhido, mas existe também trabalho em grupo com vídeos que são voltados para eles, dependendo da série vem aquele acompanhamento que deve ter através dos livros escolhidos mais também, os da biblioteca, o uso da pesquisa para que ele possa saber que estar inserido em uma sociedade precisa saber de um todo.

Nota-se que a professora gosta de diversos recursos que lhe auxiliam na sua aula, os vídeos, livros e o uso da pesquisa. Dessa forma, a mesma traz um ensino diversidade de meios que possibilitam um ensino de forma inovadora. Segundo Zabala (1998) todos instrumentos que facilita ao educador referências e critérios para tomar decisões, em intervenções diretas, no planejamento são de suma importância para ajudar professores a responder problemas concretos.

A Docente trabalhou com os alunos um texto sobre obediência no dia que estive presente, entendi a sua preocupação não só com os conhecimentos disciplinares, mas também com o caráter de seus alunos, pois estão em transição de crianças para a fase da adolescência e na maioria das vezes querem chamar atenção atrapalhando a aula, a falta de respeito com os colegas e com a professora é excessivo, a falta de responsabilidade com seus trabalhos e nesse momento e em outros a mesma sempre conversa com eles, dando conselhos para serem pessoas melhores.

Um dos livros didáticos que a professora usa é do colégio particular onde já deu aula, menciona que as atividades são da mesma complexidade e até melhores para trabalhar com os alunos do 4º Ano, a mesma pouco usou o livro didático que vem do MEC

seus alunos pegam poucas vezes os livros infanto-juvenis disponíveis na sala, nos dias que estivermos presentes a professora só trabalhou utilizando o quadro, seu caderno com atividades preparadas para os alunos, utilizou somente uma vez os jornais. A escola tem muitos recursos, como jogos matemáticos, jogos de língua portuguesa, no entanto, a professora em nenhum momento levou os alunos para a sala de jogos, para sala de leitura e nem levou até eles esses recursos pedagógicos, trabalhando com os alunos de maneira mecânica na maioria das aulas.

O papel da avaliação de acordo com Zabala (1998) é entendido tanto no sentido mais restrito de controle dos resultados de aprendizagem, como de uma concepção global do processo de ensino/aprendizagem. Para o autor “[...] a avaliação sempre incide nas aprendizagens e, portanto, é uma peça-chave para determinar as características de qualquer metodologia”. A esse respeito afirma:

A maneira de avaliar os trabalhos, o tipo de desafios e ajudas que se propõem, as manifestações das expectativas depositadas, os comentários ao longo do processo, as avaliações informais sobre o trabalho que se realiza, a maneira de dispor ou distribuir os grupos, etc., são fatores estreitamente ligados à concepção que se tem da avaliação e que têm, embora muitas vezes de maneira implícita, uma forte carga educativa que a converte numa das variáveis metodológicas mais determinantes (ZABALA, 1998, p. 27).

Desse modo, a proposta elimina a ideia da avaliação apenas do aluno como sujeito que aprende e propõe também uma avaliação de como o professor ensina. (Idem, 1998, p. 27). Nesse sentido, ao avaliar os alunos, também se deve fazer avaliação de trabalho do professor, pois se o aluno não possui as habilidades necessárias para o seu desenvolvimento o docente deve analisar sua didática, para assim os alunos absorverem os conhecimentos da melhor forma para que seu rendimento esteja bom e conseqüentemente ter uma boa avaliação.

Segundo a Docente, sua avaliação ocorre da seguinte forma:

Profª 4º Ano: *Não se pode avaliar o aluno somente pela prova escrita, mas no seu dia a dia escolar, porque ele tem o desenvolvimento da leitura, tem o desenvolvimento da produção textual, tem o desenvolvimento da interpretação das questões que lhe é passada do desenvolvimento que ele vem tendo no decorrer do ano letivo.*

Analisando a forma de avaliação da docente, ela avalia seus alunos no trabalho em grupo, desempenho individual, avalia sua leitura, as pesquisas que ele pede que eles façam e sua prova tem três critérios: avaliação, trabalho e leitura.

Avaliação é o desempenho do aluno na prova, já o trabalho são as atividades que eles fizeram, trabalho desenvolvido na escola, dever para casa, apresentações e a leitura em sala para observar como está seu desenvolvimento no processo de leitura. A professora do 4º Ano deixa bem claro: *o papel da prova avaliativa é fundamental para avaliar o desempenho dele, não só na prova, mas de um modo geral.*

De acordo com a LDB n. 9.394/96:

Art. 3º - A avaliação do aproveitamento escolar deverá incidir sobre o desempenho aluno em diferentes situações de aprendizagem.

§ 1º - A avaliação utilizará técnicas e instrumentos diversificados.

§ 2º - O disposto neste artigo aplica-se a todos os componentes curriculares, independente do respectivo tratamento metodológico.

§ 3º - É vedada a avaliação em que os alunos são submetidos a uma só oportunidade de aferição. (BRASIL, 1996)

É um direito de todos os alunos não serem avaliados somente pela prova avaliativa, mas também por atividades comuns do dia a dia escolar, como ao escrever um pequeno texto, pelo seu desempenho. interesse na aula, participação, ao fazer as tarefas da forma que os mesmos compreenderam, pois ao praticarem determinadas atividades, também se constrói conhecimentos. A avaliação do aluno deve levar em consideração um conjunto de coisas paralelamente relacionada nos dias de aula, não sendo de maneira fechada e excludente.

É notório analisar a forma de avaliação da professora do 4º ano do Ensino Fundamental, levando em consideração não somente a prova escrita, mas a maneira como o aluno participa das suas aulas, das atividades. Avaliando a forma de interpretação textual onde da bastante ênfase no seu dia a dia escolar. Para assim dar sua nota final, sendo resultado de um conjunto de observações.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo analisou as discursividades de educadores sobre o diagnóstico do contexto educacional e das atividades didáticas a partir dos espaços de aprendizagem como a sala de leitura, jogos, sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) e a prática educativa a partir das formas de organização e as metodologias do Ensino Fundamental, Anos Iniciais.

A Escola Maria Natividade atende uma demanda grande de alunos, funcionando nos três turnos (vespertino, matutino e noturno). No acompanhamento do turno da tarde, na turma do 4º Ano, observamos o trabalho pedagógico da professora, bem como os discursos da gestora, professores do 1º ao 5º ano e docente da sala do AEE sobre as atividades didáticas e os espaços de aprendizagem.

Na escola o desafio pela qualidade do ensino é diário, o que contribui para a formação crítica dos alunos, associado a isso, percebemos a busca para bons resultados e a persistência em acreditar em cada aluno. Assim, a missão da escola é sempre estar em parceria com os pais, para construir um vínculo e contribuir para a transformação social.

O Pibid foi um incentivo a formação de professores e uma ponte na construção para experiência prática de atividade docente na Educação Básica integrada a Educação Superior, contribuindo para a melhoria do ensino e aprendizagem e ainda para a transformação social de crianças, adolescentes, jovens e adultos que vivenciam o cotidiano da escola.

A partir do estudo observamos que a escola tem muitos ambientes que proporciona aprendizagens significativas para os alunos, fazendo assim um ambiente de trocas de conhecimentos, sobretudo nos espaços da sala de leitura, jogos e Atendimento Educacional Especializado - AEE.

Os resultados do estudo revelam que os educadores da escola tem um compromisso político e social com o ensino e aprendizagem das crianças, a despeito das dificuldades enfrentadas pela escola a respeito da necessidade de melhoria de infraestrutura, recursos nos espaços de aprendizagem, sobretudo na sala de leitura, jogos, sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) e na formação continuada de professores do Ensino Fundamental, Anos Iniciais. Evidenciamos que a prática educativa desvela a utilização de sequências didáticas relacionadas as atividades que visam a construção do conhecimento ou da aprendizagem de diferentes conteúdos, além da utilização de livros

didáticos que corroboram para o avanço da leitura, escrita e resoluções de questões. No processo de ensino, observamos ainda que os professores valorizam o contexto social em que os alunos estão inseridos e organizam o planejamento, orientação e avaliação das atividades didáticas.

Concluimos que as discursividades de educadores sobre o diagnóstico do contexto educacional e das atividades didáticas a partir dos espaços de aprendizagem, da prática educativa, das formas de organização e das metodologias do Ensino Fundamental dos Anos Iniciais contribuem para a formação crítica do aluno, no entanto é necessário a ampliação de políticas públicas educacionais visando a melhoria da qualidade do ensino, o alcance dos propósitos pedagógicos intencionais e planejados, as formas didáticas e meios organizativos do ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria. **Tecnologia na escola: criação de redes de conhecimentos**. São Paulo, 2001. ABREU, M. A escola possível e a merenda escolar. Coletâneas do PPGEDU, Porto Alegre, v.1,n.1, jul./ ago. 2009.
- ABRANTES, Karla. **A importância dos jogos didáticos no processo de ensino aprendizagem para deficientes intelectuais**. Campina Grande, 2010.
- BITTENCOURT, Circe. **Livro didático e saber escolar (1810-1910)**. São Paulo: Autêntica Editora, 2008.
- BARREIRO, I. M de Freitas. **Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores**. São Paulo: Avercamp, 2006.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, 1988.
- BRASIL. **Resolução CNE/CEB n.º 4, de 2 de outubro de 2009**. Institui diretrizes operacionais para o atendimento educacional especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. Brasília: MEC, 2009. BRASIL.
- BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.
- BRASIL, 2015, **Lei n. 13.146**, de 6 de jul. de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20152018/2015/Lei/L13146.htm> acesso em: 17 fev 2019.
- BRASIL. **Lei n.13.005**, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF., 26 jun 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm> Acesso em: 18 fev 2019
- BRASIL. **Lei 11.274**, de 6 de fevereiro de 2006. Amplia o ensino fundamental para nove anos de duração. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11274.htm> Acesso em: 16 fev 2019.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017 Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>> Acesso em: 16 fev 2019
- BRASIL. **Lei n. 11. 645**, de 10 de março de 2008. História e Cultura Afro- Brasileira e Indígena. Brasília, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm> Acesso em: 16 fev 2019.
- BETTI, M. Educação Física e Sociedade. São Paulo: Movimento, 1991. BRACHT, V. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Revista Movimento**, ano 6, n.12, 2011. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/viewarticle/2228>> Acesso em: 05 fev 2019.

CARDOSO, Maria Gorete Rodrigues; MESQUITA, Amélia Maria Araújo. Formação de professores: o estágio supervisionado como momento privilegiado de investigação sobre o cotidiano educacional. In: **XX Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste**, 2011, Manaus. XX Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste, 2011.

FRIAS. Elzabel. MENEZES. Maria. **Inclusão escolar do aluno com necessidades educacionais especiais**: Contribuições ao professor do Ensino Regular. Paraná, 2009.

GAGUIM, Carlos Henrique. **PL 6885/2017**. Altera o art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para tornar obrigatória a informática educativa em todos os níveis da educação básica.

GODOY, Arilda. PESQUISA QUALITATIVA. Tipos Fundamentais. São Paulo, v.35, p. 20-29, jun, 1995.

INEP. **Consulta ao Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB**. Disponível em: <http://ideb.inep.gov.br/>> Acesso em: 14 fev 2019.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LIBÂNEO, José. **Didática**. São Paulo: Cortez Editoria, 1990.

LIBÂNEO, J.C. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização Coleção docência em formação**. Série saberes pedagógicos. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LOPES, Janine Ramos. **Caderno do educador: alfabetização e letramento 1**. Brasília: Ministério da educação, secretaria de educação continuada, alfabetização e diversidade, 2010.

PIBID: **Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência**. Gov.br, 22 nov. 2019. Disponível em: <https://pibid.ufpa.br/sobre-o-pibid>. Acesso em: 12 fev. 2022.

PIMENTA, Ana Cristina Gipiela. **Pesquisa e prática pedagógica**. Curitiba: Fael, 2014.

PIMENTA, S. G; LIMA, M. S. L. Diferentes concepções do estágio obrigatório. In: GURIDI, Verônica Marcela; POKER-HARA, Fabiana Curtopassi (Orgs.). **Experiências de ensino nos estágios obrigatórios: uma parceria entre a universidade e a escola**. Campinas: Alínea, 2013. p.17-38.

PIMENTA, Selma. **Formação de Professores: Saberes da Docência e Identidade do Professor**. Vol. II. ed. Nuances, 1997. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1287224/mod_resource/content/1/Pimenta_Form%20de%20profs%20e%20saberes%20da%20docencia.pdf. Acesso em: 14 jan. 2022.

RIBEIRO, R.; CACCIAMALI, M. C. Defasagem idade série a partir de distintas perspectivasteóricas. **Revista de Economia Política**, vol. 32, nº 3 (128), pp. 497-512, julho setembro/2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rep/v32n3/09.pdf>> Acesso em: 11 fev. 2019.

RIBEIRO, R. & CACCIAMALI, M.C., (2012). Defasagem Idade-Série a partir de distintas perspectivas teóricas. **Revista de Economia Política**, v. 32, n. 3 (128), p. 497.

SÁ, Elizabet Dias de; CAMPOS, Izilda Maria de; SILVA, Myriam Beatriz Campolina. **Atendimento Educacional Especializado em Deficiência Visual**. SEESP / SEED / MEC. Brasília / DF, p.13-15, 2007.

SOARES, Maria Vilani. **Por que nossos filhos não gostam de ler?** 24 de mar de 2015. Disponível em: <https://educacaopublica.cederj.edu.br/artigos/15/6/por-que-nossos-alunos-no-gostam-de-ler>> Acesso em: 10 fev 2019.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6 ed. Porto Alegre. Penso, 2014.

TEXEIRA, Madalena Telles; REIS, Maria Filomena. A organização do espaço em sala de aula e as suas implicações na aprendizagem cooperativa. **Meta: Avaliação**. Rio de Janeiro, v. 4, n. 11, p.171-177, mai./ago. 2012. Disponível em: http://www.adventista.edu.br/_imagens/area_academica/files/A%20organiza%C3%A7%C3%A3o%20do%20espa%C3%A7o%20em%20sala%20de%20aula.pdf> Acesso em: 29 jan 2019

TOMAZ, Andreia. SARTOR, Silvana. **Educar na diversidade**: Uma análise da proposta da educação inclusiva. 2010.

VEIGA, I. P. A. **Projeto Político Pedagógico**: uma construção possível. Campinas: Papirus, 1995.

ZABALA, Antonio. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

UFPA. **Guia de elaboração de trabalhos acadêmicos**. In: LISBOA, Rose Suellen; SANTANA, Diego; LISBOA, Nonato (orgs.). (Rev.). -- Belém: Biblioteca UFPA, 2017.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CAPANEMA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

APÊNDICE I - ENTREVISTA

Parte I: Identificação dos Participantes da Pesquisa

Nome: _____

Ano de atuação no Ensino Fundamental: _____

Parte II: Atividades Didáticas e os espaços de aprendizagem

1. Que dia você frequenta a sala de aula?
2. O que mais você realiza na sala de leitura?
3. Você gosta de Trabalhar com livros didáticos?
4. Você prefere utilizar mais a sala de leitura ou a sua própria sala de aula?